

O CAPITALISMO TURBINADO E SUAS CONSEQUÊNCIAS

Edward Luttwak

Tradução do inglês: Otacílio Nunes

RESUMO

Este artigo aponta as consequências das drásticas mudanças provocadas na atividade das grandes empresas e na vida de seus empregados pelo processo de globalização, pelas novas tecnologias e pelas novas formas de administração vigentes. Relacionando dados sobre o desempenho de uma empresa — a Boeing —, a situação de seus empregados e as altas taxas de criminalidade dos EUA, o autor mostra como a insegurança e a falta de perspectivas da classe média americana estão gerando um clima de intolerância crescente no país.

Palavras-chave: capitalismo; globalização; emprego; desemprego; criminalidade; intolerância; fascismo.

SUMMARY

This article points out the consequences of the drastic changes that the globalization process has unleashed in the activities of large enterprises as well as in the lives of their employees, by introducing new technological and managerial forms. Presenting information on the performance of one such enterprise (Boeing), on its employees' situation and on the high crime rates in the USA, the author demonstrates how the American middle class's insecurity and lack of perspectives are generating a growing atmosphere of intolerance.

Keywords: capitalism; globalization; employment; unemployment; crime; intolerance; fascism.

O pragmatismo uma-coisa-de-cada-vez é a marca distintiva do velho e bom senso comum anglo-saxônico: conexões sistêmicas entre diversas esferas da vida humana são um vício teutônico dos semelhantes de Sombart e Schumpeter. Mas às vezes o vício deve prevalecer. Consideremos três conjuntos de números.

Em 10 de agosto de 1995, a Boeing Co., principal fabricante de aviões de passageiros bem como de uma variedade de armamentos avançados, era avaliada tão positivamente pelos analistas e investidores, que suas ações eram cotadas a US\$ 65 na Bolsa de Valores de Nova York. Esse número representa 77 vezes os ganhos da ação nos quatro trimestres anteriores — um "múltiplo" enorme, como dizem os corretores, que implica uma fé igualmente enorme nas perspectivas futuras da Boeing. As ações de sua equivalente mais próxima, a McDonnell Douglas, eram por seu turno vendidas a apenas quinze vezes os ganhos, enquanto a razão preço/ganhos da General Electric, esse grande encorajado da América corporativa, não passava de dezenove.

Na mesma semana, um levantamento feito entre membros da International Association of Machinists and Aerospace Workers [Associação Trabalhadores na

Este artigo foi publicado originalmente na *London Review of Books*, 2 de novembro de 1995.

Indústria Aeroespacial] — um sindicato que representa 34.650 empregados da Boeing, quase todos eles se considerando pertencentes à classe média — mostrava que apenas cerca de 20% achavam que seu emprego era "um pouco seguro", enquanto 50% se declaravam "inseguros".

Na última contagem (em 31 de dezembro de 1994), 4,9 milhões de americanos estavam submetidos a alguma forma de "supervisão correccional": cerca de 2,8 milhões com sentença suspensa condicionalmente, 671 mil sentenciados que obtiveram liberdade condicional, 958.704 em prisões estaduais, 95034 em prisões federais e uns 446 mil em cadeias locais, totalizando um americano encarcerado a cada 189 homens, mulheres e crianças, frente à razão já muito elevada de um para 480 no ano de 1980.

As explicações do primeiro conjunto de números são inequívocas, e podem ser obtidas prontamente em qualquer recomendação de corretores a seus clientes. A Boeing é duplamente beneficiada da globalização. Como ela vende aviões para um mercado verdadeiramente mundial — agora que os senhores Yakovlev e Tupolev perderam seu monopólio da esfera soviética —, suas receitas não estão sujeitas às oscilações das economias nacionais ou mesmo das continentais. Agora, o Japão está em recessão mas a China está vivendo um *boom*, a América Latina desacelerou mas a Europa escalou, enquanto a soma total das exportações mais estáveis compensa a volatilidade do mercado doméstico, onde as companhias aéreas norte-americanas estão sobrevivendo ingloriamente à desregulação por meio de violentas guerras de tarifas, cortes de custos extremados (os serviços-padrão concorrem com os da Aeroflot em sua pior versão), mudanças abruptas da expansão para a contração, passagens repetidas pelo Capítulo 11 [lei das falências norte-americana], e pelo que atinge a Boeing: cancelamentos repentinos de opções compra ou até de encomendas de seus aviões pelas empresas.

A globalização serve à Boeing também no outro sentido, em sua capacidade como compradora era vez de vendedora. Sempre que um produtor qualificado em algum lugar do mundo pode fornecer uma carcaça "sub-montada" ou até mesmo um único painel de fuselagem mais barato do que uma de suas próprias oficinas mecânicas ou um "vendedor" fora dos EUA, os custos de fabricação da Boeing são reduzidos nesse montante, menos os custos cada vez menores de contratação, comunicação e transporte ligados à "procura no exterior".

Os custos totais da Boeing estão sendo reduzidos ainda mais pelo progresso regular da computadorização, e pelo "*downsizing*" ["encolhimento"] das folhas de pagamento que ela permite. No estágio de projeto e desenvolvimento tanto para eventuais novas aeronaves como para modificações, muito mais frequentes, horas dispendiosas de engenharia são substituídas por aplicações sempre mais completas de projeto assistido por computador, e embora os estoques de peças e ferramentas tenham sido computadorizados há uma década, só agora toda a administração da produção e da montagem está sendo plenamente computadorizada, para enviar uma miríade de pedidos detalhados diretamente para um maquinado que é ele próprio computadorizado.

E ao mesmo tempo, a computadorização do serviço burocrático está esvaziando os prédios de escritórios das empresas nos Estados Unidos de ponta a ponta, inclusive o da Boeing. Também lá, as últimas secretárias telefonistas estão sendo substituídas por correio eletrônico de voz [*voice-mail*], as últimas datilógrafas por processamento de texto, e as secretárias arquivistas por arquivos digitalizados, o que por sua vez elimina a necessidade de supervisores desses empregados burocráticos, e portanto dos supervisores *deles*, até chegar aos níveis mais altos de executivos. É todo esse corte de custos, também conhecido como corte de emprego, que provoca tanto entusiasmo em Wall Street.

Consequentemente, o primeiro conjunto de números (a alta razão preço/rendimentos das ações da Boeing) e o segundo (a alta proporção de empregados da Boeing que sentem uma insegurança aguda) é em grande medida explicado pelo

mesmo fato: que a Boeing é uma das principais beneficiárias do atual capitalismo "turbinado" globalizante, desregulado e movido a tecnologia! A força de trabalho da Boeing tem todas as razões para sentir que seus empregos são precários porque a Boeing juntou-se a outras empresas americanas, grandes e pequenas, na demissão de empregados em massa não só quando encurraladas, como sempre fizeram por necessidade, mas também por uma questão de escolha deliberada, todos os dias da semana. Na teoria, é apenas a força objetiva da "destruição criadora" dirigida pela tecnologia que está operando: modos de produção mais eficientes substituem os menos eficientes, liberando força de trabalho (e outros recursos) que aumentará finalmente a produção mundial total de bens e serviços, na medida em que for reempregada em outro lugar. Na teoria, também, se a Boeing se torna mais eficiente, a economia norte-americana como um todo fica mais eficiente na mesma proporção.

Na prática, a teoria negligencia tanto a moda irracional quanto os motivos egoístas. Nos dias atuais, com muita frequência os empregados são demitidos sempre que seu trabalho possa ser plausivelmente considerado dispendioso por executivos de alto ou baixo escalão ansiosos por mostrarem-se "realistas" e completamente em dia com os mais recentes *slogans* dos consultores em administração ("reengenharia da empresa" etc.). É assim que a promoção é ganha hoje em dia na América das grandes empresas: a moda dos anos 70 em favor da "administração dos recursos humanos" (maximizar o valor de mercado da soma total das habilidades dos empregados) está inteiramente ultrapassada, tendo cedido o lugar para o substituto norte-americano convenientemente des-sexuado para o machismo, o culto do executivo "firme" que demite seu subordinado sem hesitações sentimentais.

A prova de que a contabilidade séria é recoberta pela mera moda, se bem que reforçada pelas recompensas muito reais das promoções para os executivos dos escalões médios, e pelos ainda mais substanciais milhões de opções de compra de ações com desconto para os altos executivos (a mesma moda dita que as ações sobem quando as demissões são anunciadas, muito antes que o resultado financeiro possa ser conhecido), pode ser encontrada num número crescente de estudos que demonstram com detalhes numéricos o dano que as empresas americanas infligiram a si mesmas ao "liberar" (nenhuma meretriz jamais foi tão enganosa) tantos ou tão valiosos empregados, embora deprimindo ao mesmo tempo os que permanecem e induzindo outros ainda a se demitirem. Também sugestivo é o espetacular crescimento das "oficinas" que alugam mão-de-obra por dia, por semana ou por mês, e cujos melhores clientes são normalmente os orgulhosos encolhedores [*downsizers*] de ontem.

É provável que nada disso impressione absolutamente os principais executivos dos EUA, porque a administração "cuidadosa" que oferece empregos estáveis e retreinamento periódico para melhorar tanto a lealdade como as especializações tem tons emocionais femininos inteiramente fora de lugar no presente clima neodarwinista (o que eles almejam é o respeito de outros machos corporativos com baixo nível de testosterona). Além do mais, a linguagem dos lucros das opções de compra de ações é muito mais persuasiva até mesmo do que as mais bem documentadas notas de rodapé. E o que é ainda mais importante, o mercado de trabalho dos EUA como um todo é caracterizado por uma superoferta crônica, e crescente, de engenheiros, físicos, contadores e funcionários de escritório, assim como de trabalhadores não-especializados ou semi-especializados cuja inutilidade absoluta em uma economia "high-tech" é hoje proverbial. O secretário do Trabalho de Clinton, Robert Reich, por exemplo, fez toda uma carreira deplorando o destino deles, embora sempre negando qualquer intenção de interferir nos processos divinos da economia — ele pressupõe, como quase todo o mundo faz, que a sociedade americana existe para servir às necessidades da economia, e não o contrário.

As perdas de empregos provocadas pela tecnologia, ou simplesmente inspiradas por ela, são indubitavelmente muito maiores, mas a maré montante da globalização não é nada insignificante. Ao incorrer em imensos déficits comerciais em produtos manufaturados com o Leste asiático, os EUA importam não apenas carros, têxteis e supérfluos variados, mas também desemprego e/ou salários mais baixos. Toda vez que a Boeing corta custos ao comprar fora do país, os empregos migram para o exterior à custa dos trabalhadores locais, mas para maior benefício dos acionistas, altos executivos e todos aqueles empregados fora dos EUA. Pois no seu presente estágio, a globalização enriquece os países pobres em fase de industrialização, empobrece a maioria semi-abastada interna, e aumenta grandemente as rendas dos 1% mais ricos que estão controlando ou se beneficiando indiretamente do processo. O próximo estágio da globalização deverá finalmente relançar as economias avançadas, graças à demanda crescente dos novos países afluentes do ex-Terceiro Mundo, mas aqueles que estão sendo empobrecidos agora nos EUA e em outras economias em globalização terão de esperar uma geração pela reviravolta.

O barateamento da mão-de-obra americana (inclusive boa parte dos PhDs) não é mais novidade. Na verdade, nenhum dos candidatos a presidente exceto Bill Bradley acha necessário sequer mencionar as pequenas estatísticas triviais de que o pagamento real por hora de mais de sete em cada dez empregados americanos está caindo desde o final da década de 1970 (as rendas por domicílio ficaram simplesmente marcando passo, porque há um número muito maior de esposas que trabalham, e aumentou o número de horas trabalhadas), como de fato seria de esperar no país em que o capitalismo "turbinado", globalizador, desregulamentado e movido a tecnologia é mais avançado.

O fato de que o desemprego nos EUA não está crescendo a despeito de todas as demissões feitas pelas empresas, como certamente aconteceria na velha e má Europa dos salários rígidos, se deve, como todo o mundo sabe, à superior flexibilidade da economia americana. O fato de que as instituições financeiras dos EUA assim como os capitalistas de risco estão muito mais dispostos a emprestar dinheiro na expectativa de ganhos futuros do que a manter ativos disponíveis, é verdadeiro e particularmente importante ao permitir que as pessoas jovens comecem novos negócios. Mas o que a "flexibilidade" significa no que diz respeito à mão-de-obra empregada é que a cada ano milhões de americanos carentes de famílias que os amparem (esqueçamos os primos generosos com que os desempregados andaluzes e gregos ainda podem contar, ou as ativas famílias nucleares da França ou da Itália — na América de hoje nem mesmo irmãos e irmãs ajudam uns aos outros), e enfrentando um limite de seis meses de seguro-desemprego (frente a doze ou até 24 meses na Europa Ocidental) são obrigados a aceitar até mesmo salários drasticamente reduzidos se quiserem ter algum tipo de trabalho, de modo que os empregos no setor de varejo e nas empresas de pequenos serviços do tipo dar banho em cachorro podem se expandir ao infinito (em pouco tempo ninguém precisará mais escovar os próprios dentes). À medida que o emprego "corporativo" mais bem pago, do chão de fábrica até o escritório executivo, é substituído pela proliferação de empregos em serviços marginais, os ganhos dos 70% americanos mais pobres inevitavelmente declinam, mesmo que a renda nacional total continue a crescer.

Ao lado de todas as forças econômicas gerais que trabalham contra eles, os empregados da Boeing ainda têm de lutar com as peculiaridades da indústria de aviões. Uma delas é que para vender, ou para vender mais, em certos mercados (como a China), a Boeing trabalha em regime de coprodução ou faz suas compras localmente para atrair apoio político, mesmo quando a redução de custos não a induziria absolutamente a fazê-lo. Outra, é que o capital de risco necessário para planejar, projetar e fabricar um avião inteiramente novo é enorme o suficiente para pôr em risco até mesmo a Boeing. Sua única rival, a Airbus, o fenômeno "geo-econômico" quintessencial de nossos tempos, tem todos os atrativos de uma

corporação de alto nível, mas na verdade é simplesmente o instrumento dos governos da França, Alemanha e Inglaterra, que hoje cooperam para conquistar uma parcela do mercado na indústria de aviação em vez de competir para conquistar territórios coloniais como fizeram um século atrás. A Airbus enquanto tal desenvolve seus próprios aviões com dinheiro dos Tesouros francêss, alemão e inglês, e assim a própria noção de risco se torna irrelevante. A Boeing, por outro lado, começou a reduzir sua exposição conseguindo parceiros que compartilham os riscos. Assim, 20% do último avião 777 pertencem a um consórcio de aviação japonês, que participou de todas as fases do processo desde o projeto inicial até a comercialização internacional.

Com isso, 20% de trabalho de desenvolvimento e fabricação do 777 foram irrevogavelmente negados aos membros da International Association of Machinists and Aerospace Workers. O argumento da Boeing é muito melhor ter 80% de alguma coisa do que 20% de nada. A observação contrária é que, embora a Boeing não hesite em "terceirizar" nos Estados Unidos ou no exterior quando é mais barato fazê-lo, o consórcio japonês assegura todos os seus 20% de participação na fabricação no Japão para as fábricas da Mitsubishi e congêneres, muito embora os custos de produção japoneses sejam agora muito mais altos. Curiosamente, os japoneses parecem acreditar que a economia existe para servir à sociedade, e portanto que a eficiência *pode* ser comprometida, neste caso para promover o desenvolvimento de uma indústria considerada importante para o avanço geral da sociedade japonesa. Nesse sentido, para além das vantagens puramente comerciais, a Boeing deu aos japoneses o melhor acordo do século: em troca de seu investimento de 20%, o consórcio adquiriu *know-how* em 100% de todo o empreendimento.

Em resumo, mesmo que os altos executivos e os acionistas da Boeing sejam os maiores beneficiários da globalização, a grande massa de seus funcionários se acha numa zona particularmente desfavorecida do oceano econômico global. Pelo lado da mão direita, a Boeing tem perdido participação no mercado (e empregos) para a Airbus, que pode se dar ao luxo de ser um empregador inteiramente mais confiável e muito mais generoso, cortesia dos contribuintes franceses, alemães e ingleses (suas perdas acumuladas passam dos US\$ 20 bilhões). Pelo lado da mão esquerda, a Boeing está agora envolvida na transferência de participação de mercado (e empregos) para parceiros que compartilhem riscos. Pelo lado da terceira mão (Kali, a deusa da morte, tem muitas mais), os empregados da Boeing têm na verdade de competir com "vendedores" de todo o mundo pelo trabalho da própria Boeing, e são portanto forçados a se esforçar para obter maior produtividade e assim evitar o desemprego e/ou os "recuos" sindicais, isto é, reduções de salários (cada vez mais comuns tanto na indústria como nos serviços dos EUA, incluindo as agora desregulamentadas companhias aéreas, cujas taxas reais de pagamento por hora estão muito abaixo dos níveis de 1978). Pelo lado da quarta mão, os empregados da Boeing estão sendo demitidos selvagememente devido a decisões de *downsizing* que não têm nada a ver com a globalização ou as peculiaridades da indústria de aviões.

O agudo sentimento de insegurança revelado pelo levantamento do Sindicato de Trabalhadores da Indústria Aeroespacial é portanto abundantemente justificado. Os empregos dos funcionários da Boeing são de fato particularmente precários, e se eles forem descartados, provavelmente serão rejeitados por um mercado de trabalho com excesso de oferta que oferece principalmente empregos em serviços mal pagos. Para a força de trabalho de uma empresa líder que paga a todos muito bem e também concede benefícios indiretos, isso é um colapso catastrófico que acarreta a possível perda de casas hipotecadas por altos valores, a retirada dos filhos da universidade, e doenças induzidas pelo estresse, sem poder contar com os benefícios do seguro-saúde da Boeing para pagar seu tratamento (o trauma dos custos da saúde deveria se tornar uma síndrome

médica reconhecida — ele é certamente mais genuíno do que seu correspondente da Guerra do Golfo). Quase todos os empregados da Boeing se vêem enfaticamente como pertencentes à classe média, mas essa é uma suposição tão precária quanto seus empregos.

É neste ponto que a explicação do terceiro conjunto de números fica evidente. O sr. Reich e inúmeros outros agora perceberam que o capitalismo "turbinado" de hoje condena os menos qualificados a uma vida de ganhos declinantes, e que ele eliminou muitas dos empregos mal pagos mas respeitáveis que antes permitiam que uma parcela esforçada da *underclass* [classe mais baixa] ascendesse até a classe trabalhadora. O que Reich e outros não conseguiram entender é que as profundas mudanças e os rompimentos provocados pelo capitalismo "turbinado" (= mudança estrutural acelerada) condenam a maioria dos americanos que trabalham de *todos* os níveis de especialização a vidas de insegurança econômica crônica. Quando indústrias inteiras ascendem e declinam mais rapidamente do que antes, quando as firmas se expandem, afundam, se fundem, se separam, "encolhem" [*downsize*] e se reestruturam num ritmo sem precedentes, seus empregados em todos os níveis exceto os mais altos têm de ir trabalhar num dia sem saber se ainda terão emprego no dia seguinte.

Isso é verdade para praticamente toda a classe média empregada, inclusive os profissionais liberais. Sem as salvaguardas formais das leis de proteção ao emprego ou os prolongados benefícios pós-emprego europeus, sem as famílias operosas com que a maioria do resto da humanidade ainda conta para sobreviver em tempos difíceis, sem as substanciais poupanças líquidas que suas classes médias correspondentes têm em todos os outros países desenvolvidos, a maioria dos americanos que trabalham tem de confiar inteiramente em seus empregos para ter segurança econômica — e têm portanto de viver agora em condições de insegurança aguda crônica.

O fato de que a *underclass* se tornou economicamente inútil significa simplesmente que os Estados Unidos têm taxas criminais espetaculares, e que praticamente toda cidade ou município tem suas áreas proibidas onde os intrusos podem facilmente ser vitimados pela permanente *intifada* negra (que a absolvição de O.J. Simpson expressa tão bem quanto os levantes de Los Angeles).

O fato de que os pouco qualificados estão sendo ainda mais empobrecidos significa simplesmente que os Estados Unidos estão caminhando para adquirir as características da distribuição de renda de um país de Terceiro Mundo, com 1% de verdadeiramente muito ricos no topo e uma minoria substancial (cerca de 12%) que permanece na pobreza apesar de plenamente empregada. Mas as consequências da insegurança econômica aguda da maioria da classe média são necessariamente muito mais sérias. A *underclass* (menos de 5% da população dos EUA) só pode reagir por meio da criminalidade individual e de *minipogroms* ocasionais contra brancos vulneráveis; os pobres que trabalham aceitam quietos seu quinhão e até se sentem culpados por ele, mas nenhuma sociedade pode deixar de pagar um preço alto pela insegurança generalizada da classe média.

Ninguém precisa ser um historiador da Europa no entreguerras para reconhecer a conexão entre o que a economia está fazendo à maioria dos americanos e o clima cada vez mais intolerante da vida americana contemporânea. Os visitantes europeus de hoje apontam frequentemente o número cada vez maior de coisas que são legal ou socialmente proibidas na Terra da Liberdade. Como a maioria insegura nem mesmo percebe que a economia também pode estar sujeita à vontade da maioria — ela acredita em Mãos Invisíveis, na soberania incontestável do mercado, e no primado da eficiência econômica sobre seus propósitos sociais —, ela descarrega sua raiva e ressentimento punindo, restringindo e proibindo tudo que pode ser punido, restringido e proibido. O fascismo melhorado próprio da América não é especialmente racista, muito menos belicoso, mas ele contém sim a essência do item original.

Um dos sintomas é a demanda insaciável por leis mais duras, penas de prisão mais longas, obrigatoriedade de aplicação da pena de prisão perpétua a transgressores reincidentes, execuções em maior quantidade e mais imediatas e formas mais severas de detenção (incluindo ultimamente o trabalho forçado). Na América a democracia funciona e os políticos, incluindo Bill Clinton, obedecem à vontade popular. O resultado é uma grande massa de novas leis federais e estaduais que aumentarão o número enorme de americanos que já estão atrás das grades.

Esse, todavia, é simplesmente o sintoma lei-e-ordem mais gritantemente óbvio de um impulso muito mais amplo para proibir e punir. Na teoria, a América é prisioneira de uma *kulturkampf* entre liberais e conservadores "dos-valores-da-família". Na prática, os autodefinidos liberais e todos os conservadores — exceto seu fragmento libertário — estão colaborando tacitamente para deslegitimar absolutamente tudo que possa ser proibido pelas leis ou pela desaprovação social. À primeira vista, cada proibição tem sua própria justificativa independente válida para a esquerda ou a direita ou às vezes para ambas, seja ela fumar (saúde) ou comer alimentos ricos em gorduras (idem), qualquer tipo de paquera por mais amável que seja (assédio sexual), sexo para valer de qualquer espécie (tanto saúde como "decência"), pornografia (outra vez decência — ver o estardalhaço a respeito de algumas *sex-shops* em Times Square), *topless* e praias de nudismo (pudicícia disfarçada de moralidade), todas as maneiras de discurso e gracejo (racismo, sexismo, idosismo, deficientismo, a santidade de todas as religiões...) e, é claro, as drogas, com argumentos a favor da legalização (no mínimo porque a repressão às drogas é totalmente ineficiente) e argumentos a favor da proibição, mas hoje na verdade punidas tão severamente que entre *os grosso modo* 250 mil delinquentes de drogas aprisionados, há alguns que estão atrás das grades por possuírem algumas gramas de maconha. Como cada nova proibição tem sua própria defesa plausível, só seu puro número e sua grande diversidade revelam sua origem comum; todas elas são expressões do mesmo ressentimento profundo, voltado contra alvos de ocasião.

Não é por mera coincidência que as proibições se multiplicam quando a classe média está especialmente insegura. Tudo isso aconteceu antes, e não há necessidade de uma Gestapo quando tantos americanos se dispõem a fazer eles mesmos o trabalho franzindo os lábios, apertando os olhos (basta perguntar a alguém que fume ou coma gordura em público), e votando no candidato menos tolerante disponível numa eleição atrás da outra. Somada ao grande paradoxo de uma sociedade genuinamente democrática embora cada vez mais antiliberal, há a contradição gritante contida nos remédios que tanto os democratas quanto os republicanos advogam agora: um capitalismo turbinado ainda mais dinâmico e mais "valores familiares e comunitários".

Nas palavras do Unabomber (adequadamente corrigidas):

Os conservadores [correção: a turma dos "valores" in totum, inclusive os democratas] são tolos: eles choramingam sobre a decadência dos valores tradicionais, contudo apóiam entusiasticamente o progresso tecnológico e o crescimento econômico. Evidentemente nunca ocorre a eles que não se pode fazer mudanças rápidas e drásticas na tecnologia e na economia de uma sociedade sem causar também mudanças rápidas em todos os outros aspectos da sociedade, e que essas mudanças rápidas destroem inevitavelmente os valores tradicionais [correção: e a tolerância].

Edward Luttwak dirige os trabalhos de geo-economia no Center for Strategic and International Studies, em Washington. Já publicou nesta revista "Por que o fascismo é a onda do futuro" (Nº 40).

Novos Estudos

CEBRAP

N.º 45, julho 1996

pp. 58-64
